

# O PAPEL DA MULHER NA CRISTIADA

## Nacionalismo e integralismo religioso no México

*Elisa Sanchez*  
*elisasilva63@gmail.com*

*RESUMO: A cristiada começou no verão de 1926, quando ao implementar medidas na Constituição mexicana de 1917, o presidente Plutarco Elias Calles estabeleceu: “A Lei Calles”, que impedia o culto público e proibia a participação do clero nos assuntos políticos. Por sua vez, o clero mexicano juntamente com os leigos católicos respondeu a Calles, levando os fiéis católicos a tomar medidas contra o governo, primeiro na forma de boicotes, depois minimizando o consumo dos produtos comercializados pelo Estado e, por último, na forma de violência armada. De um lado do conflito estavam o governo de esquerda, as forças armadas e os camponeses agrários. De outro, estavam os cristeros: católicos conservadores de todas as classes sociais, unidos por mulheres de todas as classes sociais, tanto urbanas como rurais, formando brigadas e grupos bem organizados para ajudar aos cristeros, principalmente na obtenção de alimentos e armas. Mulheres que se sacrificaram e deram suas vidas por uma causa: a liberdade religiosa, em um país que queria eliminar violentamente todos os vestígios da religião, levando o povo a um nacionalismo absurdo. Mulheres que ao mesmo tempo foram utilizadas por fortes expoentes de um integralismo religioso, por terem sido excluídas do cenário político. Mulheres que foram esquecidas, assim como foi esquecido por muitos anos este capítulo da história do México. História de mártires, heróis e heroínas que começaram a ganhar vida por meio da narrativa e da novela mexicana pós-revolucionária, sendo literatura, as histórias não eram verdadeiras, e a história nunca as levou em consideração. Que estas páginas justifiquem o grande legado do papel da mulher mexicana, que com seu gênio feminino lutou, para deixar no coração dos seus filhos, o legado de liberdade pela qual se sacrificou, oferecendo sua vida na guerra cristera.*

### 1. BREVE CONTEXTO POLÍTICO E HISTÓRICO

*a) Ideias políticas e sociais no México no final do século XIX e início do século XX. Existe na história cultural mexicana um fenômeno persistente, desde os séculos passados e que teve suas raízes na fase*

do vice-reinado: o anticlericalismo. Especialmente a imprensa e o movimento liberal, tanto o movimento maçônico quanto o movimento constituinte tinham uma aversão explícita a tudo que era a Igreja. Isso aumenta com a perseguição do início do século XX.

Fazendo memória, no México o liberalismo do século XIX, que deu início à modelagem da nação, foi um conjunto de ideias políticas que nasceram como ideologia entre 1820 e 1830, e foram implementadas na Constituição de 1857, nas Leis da Reforma. A vitória de Benito Juarez sobre o imperador Maximiliano, o seu partido conservador, declarou em 1867, o liberalismo mexicano como vencedor. Nos anos seguintes, esse liberalismo foi identificado como a mesma fisionomia do México, nação que, nas palavras de Juarez, tinha conquistado sua segunda independência. Os anos posteriores a 1867, testemunharam o estabelecimento de uma tradição liberal que se tornou oficial, que mais tarde se solidificou com as “origens” da revolução de 1910. Infelizmente, o liberalismo no México, após 1867, encontrou um novo ambiente intelectual influenciado em parte pela introdução da filosofia do positivismo. A principal característica do positivismo europeu, nascido na França na década de 1820, foi o repúdio aos elementos centrais da teoria do liberalismo. Embora o positivismo tenha chegado ao México na década de 1860, seu impacto inicial não foi na política, mas na reorganização do ensino superior. A ciência da política forneceu a base para as estratégias durante o longo e autoritário regime de Diaz, conhecido como a “honrável e indispensável ditadura”.

Francisco I. Madero liderou uma revolução liberal contra essa ditadura, após o surgimento do Plano Água Prieta, do Exército Liberal do Noroeste, porém, seus ideais se perderam na assembleia constituinte de 1917, na qual foi redigida uma Constituição, totalmente antiliberal e moldada da ideologia socialista que no início do século 20 começou a dominar o espectro político mundial. O México se afastou do liberalismo desde então.

*b) Após a derrubada do presidente Madero pelo general Victoriano Huerta em 1913, os levantes armados contra o usurpador se repetiram em várias partes do país. Em muitas ocasiões os*

eclesiásticos passaram a ser perseguidos, pois o ditador se gabava de ser católico. Em poucos meses, a situação de Huerta ficou insustentável, a sua queda aconteceu em 1914, os diferentes grupos que se tinham levantado contra dele, não foram capazes de estar de acordo de quem devia governar, por isso, a anarquia se estendeu sobre todo o país. Um exemplo disso é que somente em 1914, além do governo de Huerta, houve também outros três “presidentes da República” reconhecidos por diferentes grupos que “governaram” simultaneamente. Foram anos de anarquia em que os militares, que se posicionaram se transformaram por isso mesmo, em verdadeiros ditadores, que decidem sobre a vida ou a morte dos seus súditos, bem como as “garantias” que eles próprios se dispuseram a conceder e, frequentemente, emitiram disposições arbitrárias às quais assumiram o título de leis. Alguns deles foram francamente contrários à liberdade religiosa.

Os abusos se sucediam e não havia tribunal de apelação, pois eram os mesmos generais que os ordenavam. Desse modo, Obregón, depois de humilhá-los, mandaria expulsar todos os padres da Cidade do México em 1915, por não quererem ceder a uma chantagem econômica; Manuel M. Diéguez permitiria em Guadalajara o fuzilamento do padre David Galván, por ter atendido espiritualmente aos que morreram em combate; o Plutarco Elias Calles mandaria expulsar todos os padres do estado de Sonora e proibiria o exercício do seu ministério quando foi governador do estado. Tudo isso, sem que houvesse uma única instância a que se pudesse recorrer para pedir justiça. O México estava vivendo “a hora dos generais”.

*c) Depois de conseguirem se impor aos demais grupos, os “constitucionalistas” chefiados por Carranza, chegaram ao poder e, em fevereiro de 1917, deram ao país uma nova Constituição que, além de incorporar algumas reformas sociais muito interessantes para o desenvolvimento do país, continha também uma série de artigos que condicionaram o exercício da liberdade religiosa.*

O caráter francamente anticlerical de muitos dos integrantes da Assembleia Constituinte levou-os inclusive a discutir a possi-

bilidade de proibir constitucionalmente a prática do sacramento da confissão e, embora não tenha sido alcançado, os congressos estaduais foram autorizados a intervir na disciplina interna da Igreja, lhes dando a faculdade para determinar o número de padres, a partir do próprio julgamento necessário, para ministrar pastoralmente a uma província. Além disso, a nova Constituição não reconhecia nenhuma personalidade jurídica à Igreja, o que a deixava indefesa perante a lei. No final de 1917, a maioria dos bispos estava no exílio; os que permaneceram em território mexicano se esconderam e ameaçaram, assim como boa parte do clero e, como se não bastasse, o que já constituía perseguição de fato foi elevado a status constitucional. Através dos fatos, sem reformar a Constituição, o governo de Carranza permitiu que as águas voltassem lentamente ao seu cause, que os bispos voltassem ao governo das suas dioceses e a prática da religião fosse normalizada em um país que, no censo de 1910, tinha-se manifestado 99% católico. O governo de Carranza foi seguido pelo de Adolfo de la Huerta, que suavizou ou mesmo ignorou as disposições antirreligiosas e, pouco depois, chegaria à presidência o general Obregón, quem era, junto com Calles, um dos dois “homens fortes” do grupo que ele havia triunfado primeiro com Carranza e depois contra Carranza.

*d) O governo do General Obregón, entre 1920 e 1924, caracterizou-se pelo que se poderia chamar de “dupla tolerância”:* por um lado com a Igreja, que não a perseguia, nem aplicava ordinariamente as leis, que limitava as funções e por outro, com os inimigos da Igreja, que também não eram castigados, nem lhes aplicou a lei, agredindo cada vez mais os católicos. De fato, durante o governo de Obregón levaram-se a cabo massacres de católicos em Morelia, Guadalajara e Durango, para citar alguns; ataques às casas episcopais de várias dioceses; um atentado com dinamite contra a venerada imagem de Santa Maria de Guadalupe, em La Villa e muitos outros atropelamentos que não foram punidos pelo governo, se é que não foram, inclusive, promovidos por ele. Ao termino do governo de Obregón, o general Plutarco Elias Calles, que havia atuado como Secretário do Interior, foi

nomeado para sucedê-lo, após afogar em sangue uma revolta em favor do ex-presidente interino Adolfo de la Huerta, e após uma eleição questionada.

e) *Plutarco Elias Calles assumiu a presidência em 1º de dezembro de 1924*, imediatamente, em março do ano seguinte, começaram a aparecer os primeiros sintomas do que seria um período agitado em termos de liberdade religiosa.

Não era novidade que os leigos se organizaram por causa deste efeito, de fato, a partir da Constituição de 1917, em várias ocasiões foram precisamente eles, através de associações cívicas, que, por meio da resistência civil pacífica, tinham conseguido que algumas leis que atentavam contra a liberdade religiosa não tivessem efeito. Quase ao mesmo tempo na igreja nacional, surgiu uma associação cívico-política cuja finalidade era agrupar todas as organizações católicas em um único organismo que lhes daria coesão. Desta forma, associações religiosas como a Adoração Noturna e as Congregações Marianas, ou cívicas, como a União Nacional de Pais de família e a Confederação Católica do Trabalho, bem como outras, ajudam a Igreja, como os Cavaleiros de Colombo, se unindo para defendê-la, sob o título do papel timbrado da *Liga Nacional para a Defesa da Liberdade Religiosa*, a partir de março de 1925. Também em 1925, o *Comité de Defesa Popular*, fundado um ano antes por Anacleto González Flores, constituiu-se como uma associação cívica em defesa dos direitos dos Igreja, a chamada União Popular, que chegava até os últimos cantos de Jalisco e permeou abundantemente os estados vizinhos: Colima, Michoacán, Aguascalientes, Zacatecas e Guanajuato (GONZÁLEZ MORFÍN, 2016, pp. 269-290).

A guerra cristera foi, de facto, durante muito tempo, um “caso” deliberadamente esquecido, silenciado por historiadores, políticos e eclesiásticos, um acontecimento traumático para a nova nação que iniciava o seu percurso pós-revolucionário. Foram “enterrados”, assim, os fatos daquele doloroso confronto entre um exército, composto na sua maioria por camponeses e pequenos fazendeiros do Centro-Oeste do país, por outro lado,

os federais do General Amaro, Secretário de Guerra do “governo Calles”. Essa guerra se estendeu por um vasto território do país e envolveu também de forma direta, a população civil, que habitava as vilas e os povoados do interior, de maneira muito direta, a ajuda incondicional das mulheres para com os cristeros. Trata-se de uma guerra particularmente cruel, que se prolongou durante três anos (1926 - 1929), que continuou mais tarde com aquele rebrote menor e disperso: “*a segunda onda*”, no ano de 1934, até a rendição do último cristero em 1940. O general Calles se tinha proposto aplicar os artigos constitucionais conflitantes, que regulavam a sempre aguda “questão religiosa”. Os bispos suspenderam os cultos e o povo, ou parte significativa dele, rebelou-se na cidade com o boicote, os protestos, os cartazes, as manifestações e no campo com armas.

Foram necessários quase quarenta anos, para que a imagem mítica do fato fundacional do México contemporâneo, a Revolução, se rompesse, para permitir que um pesquisador estrangeiro, Jean Meyer, se introduzisse pelas estreitas fendas, que facilitavam o acesso até àquela ferida nunca fechada por completo. E assim se recuperou a voz e com ela a história de quem não tinha outra voz, nem outra história, senão a da praça dos povos, onde um violão meio quebrado e algumas palavras gastas repetem, ainda hoje, em poesias de melodia monótona, as façanhas do herói local, os combates mais notáveis, as vidas e milagres e claro, as mortes daqueles cristeros e soldados do exército. La cristiada, o estudo monumental de Meyer foi, nas palavras de Elena Poniatowska, uma obra «fundamental» dentro da transformação cultural experimentada no México por volta do ‘68, que -entre outros fenômenos- se pode apreciar em “uma mudança na forma de fazer história”. Depois de Meyer, os acontecimentos do conflito religioso foram perdendo seu caráter de tabu e de forma crescente a partir das novas relações entre Igreja e Estado, que durante o período do governo Salinas, tem recebido uma maior atenção por parte dos historiadores (ARIAS URRUTIA, 2002, pp. 423-430).

## 2. OS CRISTEROS E A LUTA RELIGIOSA

a) *O antigo conflito Estado-Igreja.* Embora na opinião de críticos como Jean Meyer, a origem da problemática Igreja-Estado refletida posteriormente as cristiadas, pode ser referida ao México pré-hispânico, a partir do momento em que: A Igreja Católica chegou ao México com o conquistador espanhol, é muito difícil separar o espiritual do secular nos atos e motivos de um e do outro, ambiguidade também agravada pela própria vontade firme que os reis, muito católicos, manifestaram para “proteger a igreja”, proteção que foi a origem de todos os conflitos entre a Igreja e o Estado, nas diversas regiões do que foi o Império Espanhol. Assim, o Estado espanhol justificou sua expansão, seu domínio pela extensão e proteção da Igreja (MEYER, 2006: VII).

O que importa nesta resenha histórica da religião indígena e cristã é seu caráter paradoxal e irreconciliável. O espírito de cada um seguiu diferentes trajetórias que refletiam processos mentais opostos; espanhóis e nativos tinham interpretações diferentes da religião, do subjetivo da fé e do metafísico. A este divórcio deve-se acrescentar um fato concreto: a obra da evangelização foi dolorosa, um sacrifício da parte vencida. José Revueltas, por sua vez em *“El luto humano”*, opina que o fenômeno se centra na destruição da conquista, que na sua ânsia de subjugar a cultura indígena: os espanhóis erraram ao destruir os templos gentios, para construir outros templos católicos. Tudo isso não constituía realmente acabar com uma religião para implantar outra, mas acabar com todas as religiões, com todos os sentidos da religião.

A colônia espanhola foi rapidamente capaz de enganar facilmente os altos dignitários da Igreja, tanto em Roma quanto na península, por meio de relatórios desordenados sobre a conversão dos infieis. Os teólogos juristas da Colônia se preocupavam mais com o cânone do que com os espíritos e, se a carta fosse respeitada, os nativos poderiam continuar no fundo a ser idólatras. Algo ficou faltando ao povo desde então. Como a terra, o deus, Tlaloc, Cristo. O que eles poderiam esperar agora? (REVUELTAS, 2000, p. 171) inquestionavelmente, os indígenas sofreram

a usurpação dos seus deuses, com a imposição de um catolicismo a sangue e fogo, na maioria dos casos discretamente. Enquanto o ressentimento e a memória coletiva registravam a experiência de que séculos no futuro de alguma forma seriam revividos, mas agora nas mãos dos militares na pós-revolução. Provavelmente para o povo mexicano esta foi a segunda vez que sofreu a submissão das suas crenças religiosas, já que acabava de se recuperar de uma revolução, que prometia devolver suas terras, agora com o fechamento dos templos, seus próprios representantes da Igreja os privavam da liberdade de manifestar sua fé, nos seus próprios templos erguidos para seu deus.

Ninguém descobriu, por exemplo, que a religião de Cristo Rei, que essa religião nacional, era outra, e que Roma, ao pregá-la, colericamente com as armas e com os braços nas mãos, não fazia mais que se dissolver, reintegrando-se ao que séculos atrás havia destruído, quando sobre os templos indígenas se ergueram os templos do severo, árido, inexorável e apaixonado catolicismo. A religião dos cristeros era a verdadeira Igreja, feita de todas as dores, todos os ressentimentos, todas as misérias de um povo oprimido pelos homens e pela superstição. Com a cristiada, “os homens voltam aos tempos em que estavam à mercê da natureza e acabam por ser suas vítimas. A herança pré-hispânica se impõe, degradada pela conquista, predomina o impulso à morte” (NEGRÍN, 2005: 120).

De tal forma, que este pudesse ser sacrificado, pudesse até ser morto impunemente, já que sua morte não tinha valor algum. Assim, de alguma maneira esta figura coloca o indivíduo na margem, entre a cidadania e a vida social, ele está vivo, mas é como se já estivesse morto. De maneira analógica, o católico mexicano da década dos vinte, estava sujeito ao poder militar, ao poder do Estado, como poder soberano, assumindo a perseguição e o assassinato como parte da sua luta durante a guerra cristero. Eles não o fizeram pela própria glória, nem mesmo pela própria vida, mas pela causa da sua fé.

Para os cristeros, o enfrentamento com a violência é assumido quase como um direito, para sofrê-la e exercê-la quantas

vezes forem necessárias, para cumprir o que acreditavam ser o desígnio divino na luta pela fé. Bem, apesar do fato de que “os cristeros carecem de um líder humano que os unia, lhes desse identidade e nome, eles atacam e morrem gritando: Viva Cristo Rei! Por isso foram chamados de “Cristos-Reyes” e depois cristeros até se convencerem de que o líder daqueles insurgentes irredentistas era o seu redentor, Cristo Rey” (AVITIA, 2007, p. 5). Pelo nome, batizado com fogo, “a cristiada e os cristeros, não podem ser analisados à luz da razão pura com a exclusividade numérica da história, mas sim no campo da subjetividade do imaginário coletivo” (AVITIA, 2007, p. 6). Pois é a partir deles que “se cria a presença de uma consciência religiosa centrada num acontecimento histórico, o conflito de 1926, bem como com o seu grito Viva Cristo Rei! Imprimem uma consciência sobre os sobreviventes, que tentam entender o que vivenciaram” (MEYER, 1989, p. 239).

Na opinião de Alicia Olivera de Bonfil, as guerras cristeras constituíram “um sério movimento contrarrevolucionário”, que não deve ser considerado “um fato histórico único e isolado no mundo. Foi uma das reações do catolicismo às grandes mudanças sociais e políticas ocorridas no final do século XIX e no início do século XX, decorrentes do surgimento de novas doutrinas econômicas, políticas e filosóficas. Claro que com características e personalidade próprias, mas sempre como mais uma expressão de fatos universais”. Dada a natureza do conflito, desde as origens da guerra cristera até os acontecimentos posteriores chamados de “acordos”, se destacou a caça às bruxas paralela à luta corpo a corpo, contra tudo que soasse como cristero, contra todo tipo de atividade religiosa, correligionários, religiosos, padres e o povo no geral, se viram envolvidos em uma onda de violência e sangue.

Então, quando se trata de querer recriar os acontecimentos, ou de alguma forma deixar um testemunho do que aconteceu, fora da versão oficial, o cenário ideal é uma novela criminal. Somente o gênero criminal poderia dar voz a todo o espectro da violência e com uma abordagem eminentemente historiográfica-

ca. A guerra cristera e a contextualização da sua narrativa histórica, com a crueldade exercida na perseguição, é desencadeada contra os dissidentes cristeros dos acordos, contra aqueles que foram silenciados pela mega-história oficial. (OLIVERA DE BONFIL, 1994. P.12).

*b) Entre o violento e o sagrado.* Quando os cristeros foram devidamente encurralados pelas disposições da Lei Calles, devido às fortes e decididas restrições à manifestação da sua religiosidade com base na Carta Magna, responderam primeiramente com a criação da sociedade da Liga Nacional para a Defesa da Liberdade Religiosa, a organização do boicote econômico e o abaixo assinado, para que finalmente se assumisse o último recurso: a defesa armada. Exigia-se um sacrifício por parte dos cristeros, um sacrifício dos cristãos já não na arena romana como nos tempos de Nero, agora diante dos terrenos do Estado. Com respeito ao conceito sacrificial, resulta especialmente interessante observá-lo na ótica que o expõe René Girard, na figura de apresentar o violento ligado ao sagrado. O sacrifício dos católicos se iniciava a partir do monumento em que se viam como sujeitos indefesos diante da resposta negativa do Estado, que, fechado a todas as negociações, sabia que não cederia, mas apenas diante da violência.

O primeiro sacrifício foi feito no fechamento dos templos, agora só faltou estruturar a defesa da sua religiosidade com a luta armada, que obviamente, deveria ter o suporte ideológico da teologia do sacrifício como elemento de acessório, já que a Igreja e Deus mesmo, estavam sendo ofendidos e por isso era necessário um desagravo. Os católicos assumiram a luta armada, fazendo do fato “mais do que uma cruzada, uma *“imitatio Christi”* coletiva com o sacrifício dos cristeros, muito mais importante do que a morte dos perseguidores” (MEYER, 2012: 301). Entre os cristeros, se assumiu a morte como uma grande oportunidade de conquistar a glória eterna, mais uma prova da predileção divina que, transferida para o sacrifício, era assumida como um direito, quase como um privilégio na consciência de viver um tempo extraordinário. Ilustrativa dessa condição é a

oração composta pelo professor Anacleto González Flores, que os membros da Liga de Defesa para a Liberdade Religiosa, costumavam rezar no final do rosário:

*Jesus misericordioso! Meus pecados são mais do que as gotas de sangue que você derramou por mim. Não mereço pertencer ao exército que defende os direitos da sua igreja e que luta por você. [...] Lava-me de minhas iniquidades e purifica-me dos meus pecados. Pela vossa santa Cruz [...] perdoa-me, não soube fazer penitência pelos meus pecados; é por isso quero receber a morte como um castigo merecido por eles. [...] conceda-me que meu último grito na terra e o primeiro no céu seja: Viva Cristo Rei! (LA CRISTIADA, 2006: 280).*

Assumindo essa atitude diante dos ataques e da perseguição dos exércitos federais, começava a busca e sequência das vítimas sacrificais, passando a ocorrer desde os enforcados, que eram enforcados como frutos das árvores, até a entrega voluntária do Padre Miguel Agustín Pro. Sem deixar de considerar os milhares que foram entregues a pelotões de fuzilamento ou executados sob a tortura.

O confronto das forças do Estado contra os cristeros, nos levam a considerar a contextualização da façanha cristera em termos de uma luta de contrários: personagens enfrentados com uma mecânica da violência, cujo funcionamento é demasiado implacável para dar lugar ao menor juízo de valor, para permitir quaisquer distinções, simplistas ou sutil, entre mocinhos e bandidos.

Quanto mais dura a rivalidade trágica, quanto mais favorece a mimese violenta, mais multiplica os efeitos de espelho entre os adversários (GIRARD, 2006, p. 54). Tinha-se dado o recomeço do ciclo da violência no México, ao qual caberia acrescentar que: o problema é que esta violência —no caso da cristiada— não consegue romper com o círculo da violência, mas a reinicia, dando origem a uma crise sacrificial recorrente, que leva a sociedade à destruição de si mesma. O reaparecimento da “segunda onda” ou a segunda cristiada (1934-1940) exemplifica esse recomeço da violência.

### 3. A MULHER NA CRISTIADA, UMA HISTÓRIA ESQUECIDA, CHEIA DE VALOR E SACRIFÍCIO

Embora seja verdade que quando se fala da participação das mulheres no movimento cristero, incluímos todas as ações que foram realizadas a favor deste, em um único tipo de colaboradora, é preciso distinguir a diferença entre as atividades realizadas pelas mulheres da cidade e do campo, já que dependiam da zona e das circunstâncias em que se encontravam, era a maneira como eram designadas as atividades que deveriam desenvolver. A insurgência cristera, ao contrário dos movimentos armados da segunda metade do século XX no México, aparentemente não tinha nenhum financiamento do exterior, portanto, nenhuma possibilidade de obter armamentos de fora do país. A única maneira de consegui-lo era tirá-lo do adversário, uma vez derrotado no campo de batalha, ou comprá-lo dele, pois sempre havia soldados e até oficiais dispostos a vender o parque. Por isso foram as mulheres das zonas urbanas, que iniciaram a criação dos primeiros grupos dedicados a buscar os meios precisos para satisfazer as necessidades dos cristeros, nos campos de combate, apenas correspondente ao armamento. Neste contexto, as ações desenvolvidas pelos militantes da cidade a favor do movimento cristero, recaíram essencialmente na organização da ajuda econômica aos soldados e no planejamento das atividades que eram realizadas para abastecimento de munições (AGHPPEM, Ano de 2012, p. 191-223).

Embora o movimento cristero começou com a tática de “guerra de guerrilhas” e com poucos soldados em suas fileiras, logo após seu início tornou-se um levante forte e bem organizado que conseguiu infligir consideráveis baixas ao exército de Plutarco Elias Calles. Nesse mesmo sentido, a guerra cristera não poderia se entender, nem poderia se levar adiante da maneira como o fez, sem a participação ativa das mulheres. A ajuda que ofereceram não foi dispersa, mas muito bem organizada através das Brigadas Femininas de Santa Joana D’Arc. No entanto, as atividades que as mulheres desenvolveram naquela guerra não se limitaram

apenas às da brigada feminina. Nos lugares onde os homens faltavam, as mães ficavam com os filhos em casa para cultivar a terra e cuidar da família. Organizaram-se corpos sanitários e enfermeiras para ajudar os feridos, mas o mais importante é que alguns se organizaram para manter viva a catequese e difundir nas crianças o amor a Cristo e à sua Igreja. O que a continuação se apresenta é uma análise da importância da participação das mulheres na guerra cristera e as diferentes formas como foi feito (QUEZADA, 2012, pp. 200).

A participação dessas mulheres na rebelião é um fato registrado, que exemplifica o grau de consciência coletiva, no fato de serem “mulheres identificadas com sacrifício e coragem, dedicadas à fidelidade de uma causa por acreditarem que eram as depositárias dos valores de fé. Daquelas que em franco desafio contra um exército superior e bem armado se desenvolveram em meio à insegurança e à guerra” (NARANJO, 2010 p.78). Foi o caso de Genoveva, a “Chacha”, uma das personagens femininas de Goytortúa, que afirmava com orgulho: “Eu fui uma cristera. Não andava com as armas na mão, mas fiz o que todo mundo por aqui fazia, ajudar os rebeldes, podíamos com relativa facilidade repassar avisos, dinheiro e remédios e até munições para os diferentes grupos de cristeros que operavam na zona, tínhamos que tomar muitos cuidados e éramos mais desconfiadas que os coioetes, mas sabíamos por que o fazíamos” (GOYTORTÚA, 1945, p. 112). Outro exemplo que ilustra a participação das mulheres é o caso de Margarita na Jahel de Jorge Gram: localizada na época da segunda rebelião. (GRAM, 1955).

No que diz respeito à interpretação dos fatos da cristiada, para Jorge Gram a violência vai além dos acontecimentos do momento e a expressa na sua narrativa, já que elabora toda uma versão da história do México, que é a história infeliz de um povo dilacerado entre o liberalismo do passado e a ameaça futura do comunismo. De fato, a barbárie aparece desde as suas origens, simbolizada pelos “horrores de Huichilopxtli”, o deus guerreiro insaciável, seguida da redenção do catolicismo hispânico, somente para voltar a cair na barbárie liberal. Madero, o apóstolo da

verdadeira revolução, lidera outra tentativa de salvação em um momento único de sinceridade, verdade e democracia, com o apoio do Partido Católico Nacional, para se desviar mais uma vez mais sob a minoria tirânica, pagã e traiçoeira, encabeçada por Carranza, o chefe constitucionalista e Elias Calles como seu executor (SÁNCHEZ MORA, 1989, p. 21).

Embora a presença das mulheres nos diferentes movimentos armados da história do México tenha sido de grande importância para o desenvolvimento dos mesmos, a guerra cristera traz consigo uma mudança importante na forma como as mulheres se fazem presentes, não apenas como um sujeito complementar do setor masculino, agindo sob sua proteção e restrições, mas como uma entidade com a mesma capacidade de organização e iniciativa para lutar contra a ordem política, que atacava uma das instituições que dava sentido a grande parte da vida: a igreja católica. A criação das Brigadas Femininas de Santa Joana D'Arc revelou a capacidade das mulheres de realizar ações que, no contexto da guerra, só competiam aos homens. O fornecimento de armas e munições, com a posterior distribuição aos soldados cristeros, são atividades que as mulheres brigadistas conseguiam realizar com maior eficácia, do que a Liga Nacional. Infelizmente, a boa organização das mulheres neste movimento, causou grande mal-estar entre as principais lideranças, tanto civis quanto religiosas, trazendo como consequência, não apenas a extinção desta agrupação, mas a sua própria expulsão das atividades que desenvolviam dentro da Igreja (QUEZADA, 2012, p. 219).

#### 4. BRIGADAS FEMININA SANTA JOANA D'ARC

No desenvolvimento da luta cristera, um fator de grande ajuda, como já mencionamos, foi a formação das Brigadas Femininas Santa Joana d'Arc. A primeira brigada foi formada em 21 de junho de 1927 em Zapopan, (Jalisco), chefiada pela Senhora Uribe, que assinava com o pseudônimo de Senhora G. Richaud. No início era composta por 17 mulheres, mas poucos dias depois tinha mais de 135 membros. Seu trabalho consistia em obter dinhei-

ro, comida, parque, informação, refúgio, cuidado e proteção para os combatentes. Sua palavra de ordem era o voto de silêncio, que permitia um trabalho mais eficaz. As mulheres foram inicialmente recrutadas em colégios católicos e, com o tempo, foram incorporadas mulheres camponesas de todos os estratos sociais. Em março de 1928, as brigadistas eram aproximadamente 10.000 militantes. Fingindo piqueniques ou caminhadas, saíam com os mantimentos e os distribuíam discretamente em locais secretos, previamente combinados.

As Brigadas Femininas de Santa Joana d'Arc transportavam munições em faixas ou em carroças cobertas com milho, sabão, ovos ou cimento até as zonas de combate, onde mais tarde nas costas de mula as levariam aos cristeros. As brigadas chegaram a contar com 56 agrupações que devam um total de 25.000 militantes. A eficácia das suas ações e o voto de silêncio, permitiram ao governo não ter conhecimento das suas manobras, até março de 1929, quando começaram as incursões para detê-los em Guadalajara e na Cidade do México, mas não conseguiram enfraquecê-las e continuaram até terminar o movimento.

Não poderemos entender as duas cristiadas, sem a total cooperação das mulheres cristeras. Já em agosto de 1926, tinham sido as primeiras e as mais determinadas na hora de montar a guarda nas igrejas. Os homens vieram defender as igrejas para defender também suas mulheres. Nas origens da cristiada, as mulheres mexicanas têm a primeira mártir, Maria del Carmen Robles, que morreu resistindo às propostas desonestas do General Vargas. O movimento cristero encontra nestas mulheres o suporte insubstituível, sobre o qual podem ser forjados os mecanismos necessários para sobreviver. A ajuda oferecida pelas mulheres não está desarticulada, mas organizada e sujeita a inúmeros riscos. A ineficácia da Liga Nacional de Defesa (onde se agrupam católicos, homens, principalmente urbanos) leva à consolidação da União Popular e, posteriormente, à formação das *Brigadas Femininas de Santa Joana D'Arc*.

Logo as Brigadas estão se espalharam por todo o país. Na Cidade do México, feudo da Revolução, a organização começou

a funcionar em janeiro de 1928. As Brigadas Femininas de Santa Joana D'Arc trabalham clandestinamente, impondo um juramento de obediência e sigilo a seus integrantes. A estrutura é hierárquica e militar, uma vez que se supõe que foi um corpo mais de combate na guerra cristera. Entre suas funções se propõe estruturar um sistema de financiamento para arrecadar dinheiro entre os católicos mexicanos. Também foi labor fundamental a compra de armas, munições e o fornecimento às tropas cristeras. A munição das tropas cristeras não foi simples, pois têm que lutar contra um embargo decretado pelos Estados Unidos, que proíbe a venda de armas e munições aos cristeros. Os cristeros vinham do mundo rural, não podiam fabricar munições, portanto sua sobrevivência depende do trabalho das mulheres.

A eficácia das Brigadas neste campo é retumbante. Graças aos brigadistas e aos operários católicos das fábricas de armas do Estado, eles podem estabelecer um sistema de abastecimento de cartuchos. As meninas viajam das províncias para recolher a munição na capital e a transportam para os locais de combate, camufladas em coletes especiais com forro duplo. Cada colete pode conter mais de 500 cartuchos. A carga deve passar por vários controles e chegar ao seu destino nas montanhas.

Ao começo a Liga Nacional aceitou que as Brigadas tenham um funcionamento autônomo, mas logo desejam poder controlá-las, já que a própria Liga Nacional não é capaz de criar uma organização semelhante.

Ao resistir ao controle por parte da Liga, a própria Liga abre um expediente teológico contra elas, apresentando-as ante Roma como uma sociedade secreta. Seu segredo não é outro senão o de uma organização de resistência em estado de guerra. Apesar da incompreensão dos homens católicos *acomodados*, elas se sacrificam até o heroísmo para apoiar todas as necessidades dos cristeros na luta. Denunciadas repetidamente perante Roma, são dadas indicações da Cúria para impedir o juramento de obediência e segredo. Fiéis à Igreja, as dirigentes das Brigadas deixam de exigi-lo. O desastre então se torna inevitável. As Brigadas conseguiram manter o governo sob controle, sem que ele pudesse

desmantelar a organização. No entanto, na nova situação, os vazamentos desmoronam a organização. No verão de 1929, numerosas militantes foram detidas e deportadas. Mas as Brigadas Femininas não são apenas uma organização com fins militares, são também uma organização de caridade e social. As mulheres, diante das leis anticlericais, jogaram os homens às montanhas. Elas próprias, nas zonas dominadas pelos cristeros, ficam cultivando os campos e cuidando das casas, além de se encarregarem de fornecer alimentos às tropas. Outras vezes, as mulheres se tornam suporte de vida ocultando-se com seus filhos nas mesmas montanhas onde estão seus maridos, filhos ou irmãos. Também, organizam-se os serviços sanitários, os corpos de enfermagem e, o mais importante, para manter vivas a catequese e a religiosidade. As Brigadas tomam como base de militância os grupos catequéticos paroquiais e as Adorações Noturnas femininas com sua base social que abrange todas as camadas sociais. Os comandos são compostos, porém, na sua maioria, por simples mulheres camponesas (AZKUE, 2000, p.109).

## 5. JCFM: JUVENTUDE CATÓLICA FEMININA MEXICANA

Em meio à incerteza que prevalecia para os cristãos, a Juventude Católica Feminina Mexicana (JCFM) surgiu em 18 de maio de 1926, como resposta à crise que se vivia naquela época, devido à perseguição religiosa, para despertar em todos as jovens do desejo de melhor servir melhor a nação mexicana e de adquirir uma sólida formação.

Durante a Guerra cristera, o trabalho que desempenharam as jovens deste grupo foi de grande utilidade para a Igreja e para a sociedade. Por exemplo, forneceram ajuda legal, comida e roupa aos prisioneiros, de acordo com um relatório de outro grupo Damas Católicas, mais de 7.000 pessoas receberam ajuda em três anos. Certamente, algumas jovens foram presas naqueles anos e até enviadas à colônia penal Islas Marias.

A agrupação também conta com mártires reconhecidas, como é o caso da catequista Maria de la Luz Camacho González, que foi

assassinada na igreja de San Juan Bautista em Coyoacán, em 1934, por um grupo anticlerical conhecido como Camisas Vermelhas.

Em Roma, o Papa Pio XI viu com preocupação o que ocorria no México, como consta na Carta Encíclica *Iniquis Afflictisque*, na qual felicitou as organizações de leigos pelo seu testemunho cristão. «Uma palavra de louvor muito especial é dirigida às organizações católicas que durante estes tempos difíceis estiveram, como soldados, ombro a ombro com os seus sacerdotes», escreveu o Papa.

Outro documento pontifício que também fazia referência à situação do México foi *Paterna Sane Sollicitudo*, de fevereiro de 1926, no qual aconselhava a fundação da Ação Católica e quando em 24 de dezembro de 1929, surge esta agrupação, a JCFM se integrou com uma das quatro organizações fundamentais da Ação Católica Mexicana, especializadas em jovens e adultos de ambos os sexos (JCFM de Queretaro. No 90º aniversário da fundação).

## 6. AS MULHERES MICHOCANAS NA GUERRA CRISTERA

Aqui destacamos a presença e participação das mulheres michoacas durante o conflito entre o Estado e a Igreja Católica no México na primeira metade do século XX, conhecido como guerra dos cristeros. Isto é, com a principal finalidade de assinalar a grande importância que as mulheres tiveram no movimento, não apenas como fornecedoras de armas, munições e notícias entre os diversos grupos, mas como entidades fundamentais na conservação e realização clandestina das atividades do culto católico. Deste modo, procura-se, descobrir quais foram as motivações, tanto pessoais como sociais dessas mulheres para realizar as diferentes ações a favor da guerra, sem importar as consequências que poderiam advir.

Nesse sentido, é bom considerar que embora o campo de atuação da mulher michoacana, durante esse período, seja apenas no seio do núcleo familiar e como sujeito fundamental na conservação e transmissão dos valores morais, especialmente religiosos

no casamento com os filhos, a presença delas adquire grande importância detonante, para a mudança na forma como participa da guerra. Dessa forma, o conflito cristero oferece às mulheres novas formas de participação social que antes não existiam.

A participação das mulheres michoacanas no movimento cristero não ocorreu de maneira esporádica, condicional e muito menos acidental; pelo contrário, tinham uma forte motivação pessoal, que tinha como pano de fundo uma prévia formação religiosa, o que as fez empreender qualquer tipo de ações, sem importar as consequências que pudessem trazer. A Igreja Católica se encarregou de criar, poucos anos antes de iniciar a guerra cristera, importantes agrupamentos femininas, que brindaram à mulher a oportunidade de se constituir como um ser dinâmico, nas atividades do mundo público, já que o estado e a própria tradição cultural, o tinha negado. Da mesma maneira, esses grupos se encarregaram de fomentar na mente das mulheres os princípios morais e religiosos para que elas por sua vez, os transmitissem aos filhos e esposos e avisassem nas famílias os sentimentos religiosos que levaram aos homens à guerra uma vez que se destacou o movimento cristero.

Na localidade de Zamora (Michoacán), o jovem Joaquín de Silva y Carrasco lhe confessou a um padre a decisão que tinha tomado de ingressar nas fileiras dos cristeros, aos quais o padre apenas perguntou se sabia no estado em que ia deixar a sua mãe e as suas irmãs, o jovem apenas respondeu: “Mas padres, são elas que mais me encorajaram na minha decisão!” Desta forma, podemos perceber, a grande influência que poderia uma mãe ter na decisão dos seus filhos ou esposo, visto que elas argumentavam que não estavam lutando por nenhuma causa qualquer, mas que era para defender a igreja que estava sendo atacada pelo governo federal, e ao ficar indiferente diante de tais acontecimentos, se estava incorrendo um grave pecado.

Sem deixar de lado o conservadorismo religioso, sob o qual eram regidas as atividades de guerra, tanto masculinas como femininas, as ações que as mulheres michoacanas desempenharam no conflito cristero, rompem com os esquemas tradicionais de sujeição, onde elas punham sua vontade sob os desígnios mascu-

linos. Em contraste com os paradigmas culturais que regeram a sociedade mexicana e as relações entre homens e mulheres ao longo do século XIX, no contexto da guerra cristera, são as mulheres que motivam, influenciam e até ordenam que seus esposos e filhos saiam em defesa da religião. São elas que em várias ocasiões têm que proteger e cuidar dos homens, sejam eles chefes cristeros, padres ou simples soldados, dentro de seus lares, fornecendo-lhes alimento e abrigo. Nesse sentido, e no caso específico da parte ocidental do estado, constatamos que a maioria das mulheres michoacanas que interferiram no movimento cristero, o fizeram também, preservando as atividades próprias do culto católico, desde quando as atividades religiosas nos templos, pois ao se dar a suspensão das atividades religiosas nos templos, as mulheres improvisavam no interior dos seus lares, sejam habitações, pátios ou porões, pequenos altares clandestinos, onde o comumente a população se reunia para celebrar a missa, a aplicação dos sacramentos e o resguardando da sagrada comunhão.

Da mesma forma, a assinatura dos “acordos” entre as autoridades civis e eclesiásticas, gerou um mal-estar significativo entre os grupos de católicos que tinham participado da guerra, já que esses “acordos” foram feitos sem a opinião e muito menos o consentimento dos próprios cristeros. Nesse sentido, muitas das mulheres michoacanas, ao conhecer as resoluções, ficaram decepcionadas com a igreja, pois para elas a forma como a guerra havia terminado era como se sua participação tivesse sido considerada nula ou de pouca importância. Ou seja, de nada tinham servido todos os perigos, fomes, maus-tratos e humilhações a que tinham sido expostas. Nesse sentido, ao contrário das mulheres de outros estados da república, como Jalisco, Querétaro e Cidade do México, onde elas sim buscaram reconhecimento social, as mulheres de Michoacán no final do movimento armado, não buscaram manter sua presença nas atividades sociais e públicas, essa nunca foi sua intenção. Embora o único objetivo delas ao se envolverem na guerra cristera era a defesa da sua religião, ao final dela voltaram para casa para continuar realizando as atividades específicas do seu gênero: cuidar do marido, garantir a educação dos filhos e cuidar do lar.

Finalmente, podemos concluir que, a participação das mulheres no movimento cristero é de grande importância, não só pelas diferentes atividades que recaíram sobre elas em prol da própria guerra, mas também na mudança temporária dos papéis de gênero, a que correspondia a mulher ajudar, cuidar e proteger os homens, invertendo assim as construções culturais e sociais, que por muito tempo o varão tinha procurado impedir, pois no contexto do movimento cristero, era ele quem devia colocar-se sob a proteção de um setor que se acreditava devia estar subordinada à vontade masculina (QUEZADA, 2012, p. 191-223).

## 7. A NARRATIVA CRISTERA, A OBRA OCULTA DE UMA HISTÓRIA

A partir do momento em que a Guerra cristera se constituiu no México, por mais de meio século como um fato deliberadamente esquecido, silenciado por historiadores, políticos e eclesiásticos, tornou-se um evento traumático para a nova nação, que acabava de iniciar sua jornada pós-revolucionária, de uma maneira lógica. A versão oficial ou oficialista, ofereceu uma versão grosseira para explicar o movimento cristero, um grupo heterogêneo dominado por um fanatismo cego, que se servem as forças privilegiadas, com toda uma argumentação apocalíptica, para conter as reformas estruturais que o triunfo que trazia consigo o triunfo da revolução. (ARIAS, 2005, p. 19).

É interessante notar que nos registros historiográficos do México pós-revolucionário, a ocorrência de La Guerra cristera não é citada como um evento histórico. Dessa maneira, a narrativa cristera passou ser uma narrativa oculta, ignorada e, na melhor das hipóteses, submetida à periferia do cânone, já que os narradores da guerra cristera, para realizar sua obra, tiveram que enfrentar duas grandes correntes: “De um lado a repressão ao poder hegemônico ditatorial dos triunfantes militares da Revolução Mexicana, de outro lado, a intencionalidade de resgatar do esquecimento forçado da história oficial, os interesses do povo protegidos sob a proteção da Igreja, o que fez com que sua produção narrativa fosse por excelência uma literatura negada” (RUIZ ABREU, 1998, p. 23). Inquestionavelmente, o texto cristero veio preencher uma la-

cuna, que existia na narrativa pós-revolução, quanto à necessidade de vincular o acontecimento do ponto de vista sócio-histórico. Da mesma forma: a narrativa da cristiada foi uma espécie de palavra bendita que o leitor esperava com ansiedade, pois é um relato autobiográfico, uma novela, um testemunho que a revelação, além da condenação moral e religiosa dos excessos do governo, de um episódio negado pelos historiadores, pouco citado pela crítica literária, que os intelectuais preferiram omitir como gesto liberal” (RUIZ ABREU, 1998, p. 25).

Tudo isto é ilustrado pelo caso de Jahel de Jorge Gram, novela que permaneceu durante décadas, extraviada e ignorada de tal maneira que a crítica não o incluiu em seus estudos e as investigações a esse respeito foram reduzidas a nada; até que foi acidentalmente localizada em um depósito da alfândega fronteiriça entre o México e a Guatemala, daí levada por um anônimo até as proximidades da capital italiana. Completando a viagem pela compra e venda que a fez voltar a chegar às terras americanas. Produto cultural diverso, a literatura cristera inclui o corrido e a crônica, a autobiografia, o diário, as memórias, o conto e a novela em que convivem múltiplos testemunhos, vozes que ainda recordam a ferocidade da guerra, da história política, militar, social, sua gestação e desenvolvimento, têm sido já contadas. Faltou enfrentá-la pelo que ela é: uma expressão literária, que tem seu próprio mapa crítico, bem como comportamentos e desenvolvimentos específicos. Era preciso desvendar sua estrutura, seus personagens, sua linguagem, **às vezes abundantes** em reflexos de tradição oral, sobretudo, sua visão particular do mundo.

Precisamente, nas novelas a favor das guerras cristeras, de maneira automática, os personagens bons e/ou heroicos são os latifundiários, os cristeros, os padres e os membros ativos das Brigadas Femininas de Santa Jana d’Arc. No caso das novelas anti-cristeras, os maus e retrógrados são os cristeros, os padres, os latifundiários e as integrantes das Brigadas Femininas de Santa Joana d’Arco, enquanto os bons e ideologicamente progressistas são os agraristas, os professores rurais, os membros do exército e os funcionários do governo (LOZANO, 2017, p. 137-164).

## CONCLUSÃO

A título de conclusão, podemos dizer que a literatura negada da pós-evolução, ou seja, a literatura cristera, colocou no tabuleiro uma intrincada rede de questões históricas de vital importância na vida do mexicano: argumentos que vão desde a proposta de um novo processo revolucionário, que obriga de alguma forma a romper a versão historiográfica monolítica e as essências nacionais, até o questionamento do mito histórico da identidade nacional e revolucionária de um país latino-americano. A literatura cristera rompe com a negação da realidade para admitir que houve na revolução mexicana e na guerra cristera, um infinito de informações ocultas, vozes que, embora silenciadas no exílio, contribuíram para abrir as portas ao poder da intra-história, como é o caso dos milhares e milhares de mulheres silenciadas, pelo governo, pelo Estado, pela Igreja, ou porque foram simplesmente silenciadas por serem mulheres, às quais, a título de justiça, é um dever para todas as mulheres de hoje, para trazer à tona e reivindicar a infinita coragem, heroísmo, sacrifício, inteligência, capacidade estratégica que as mulheres têm demonstrado ao longo dos séculos, mas que suas vidas e obras ainda estão escondidas, excluídas, porque não são escritas ou valorizadas por quem as tem narrou, em sua maioria homens, os arquivos históricos e religiosos oficiais da vida dos povos.

Término com esta poesia que dedico a cada mulher que luta, com a resiliência, num mundo onde ainda não foi descoberta.

### Resistência

*Não desista, mesmo que às vezes seja machucado na vida.  
Embora pesem os muros e o tempo pareça seu inimigo.  
Não desista, mesmo que as lágrimas escorram seu rosto  
e sua essência seja demasiada pequena.  
Embora a distância com os seus pareça insuperável.  
Embora o amor seja, hoje, um desejo difícil, e as vezes lhe mordem  
o medo, a dor, a solidão, a tristeza e a memória.  
Não desista porque você ainda é capaz de lutar,  
de rir, de esperar, de se levantar, mesmo as vezes esteja fazendo falta.  
Seus braços ainda darão muitos abraços,  
e seus olhos verão bonitas paisagens.*

*Quicá, quando se olha no espelho,  
 não reconheça o bonito, mas Deus o vê.  
 Deus lhe conhece, e porque lhe conhece segue confiando em você,  
 siga acreditando em você, saiba que, como a ave ferida,  
 curarão suas asas e você vai voar, embora agora pareça impossível.  
 Não desista que há quem lhe ama incondicionalmente,  
 e lhe chama para acreditar*

(RODRIGUEZ OLAIZOLA, 2015, p. 219).

### PARA REFLETIR

- Que abertura existe nos ambientes pastorais para interagir com as mulheres nos vários níveis onde vivemos e trabalhamos: formativo, de desenvolvimento humano, espiritual, ministerial, vocacional, missionário, etc.?
- Que tipo de relacionamento foi criado com as mulheres que colaboram com você? Relacionamentos de apoio? De interesse? De amizade saudável? De servilismo?
- Quais são as contribuições que o “gênio feminino”, como diz o Papa Francisco, pode dar no ambiente eclesial e missionário?

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGHPEM, fondo: Secretaría de Gobierno, sección: Gobernación, serie: Religión, Caja: 4, exp. 54, Foja: 4 hist.mem., Nº. 4. Año 2012, pp. 191 - 223 Claudia Julieta Quezada 212).

ARIAS URRUTIA, Ángel (2002). Cruzados de novela: las novelas de la guerra cristera. Pamplona, Ediciones Universidad de Navarra \_\_\_\_ (2005) Entre la cruz y la sospecha (Los cristeros de Revueltas, Yáñez y Rulfo) Madrid, Iberoamericana AUB, Max. (2000) “Guía de narradores de la revolución mexicana”, Guaraguao, Año 4 175-187.

AVITIA HERNÁNDEZ, Antonio (2006). La narrativa de las cristiadas: novela, cuento, teatro, cine y corrido de las rebeliones cristeras, México, Universidad Autónoma Metropolitana \_ (2007) El caudillo sagrado: Historia de las Rebeliones Cristeras en el Estado de Durango, México, UNAM.

AZKUE, Andrés. *Mujeres Cristeras*, en *La Cristiada*. Los cristeros mexicanos (1926-1941). Ed. Balmes, 2000.

GIRARD, René (1983). *La violencia y lo sagrado*, Barcelona, Anagrama (2006) *Aquel por el que llega el escándalo*, España, Caparrós.

GONZÁLEZ MORFÍN, Juan. Perfil histórico de la guerra cristera, *Lusitania Sacra*. 33 Janeiro-Junho (2016), 269-290.

GOYTORTÚA SANTOS, Jesús (1945). *Pensativa*, México, Porrúa.

GRAM, Jorge (1955). *Jahel*, El Paso, Texas, s.p.i. \_\_\_\_ (1937) *La guerra sintética*, El Paso, Texas, s.p.i.

LOZANO POZOZ Edith. BRUSHWOOD, John (1993). *México en su novela*, México, Fondo de Cultura Económica \_\_\_\_ (1996) *México in its novel: A Nation's search for identity*, Austin, University of Texas \_\_\_\_ *Itinerantes*. *Revista de Historia y Religión* 7 (2017) 137-164.

MEYER, Jean (1982). *El coraje cristero*, México, UAM Colección Cultura Universitaria n°4 \_\_\_\_ (2006) *La Cristiada*. Tomo II *El conflicto entre la iglesia y el Estado*. 1926- 1929, México, Siglo XXI *Itinerantes*. *Revista de Historia y Religión* 7 (2017) 137-164 163 *La Guerra Cristera: la indispensable contextualización de su narrativa histórica*.

NARANJO TAMAYO, Omayda (2010). “*Pensativa de Jesús Goytortua Santos: Imagen y representación de la mujer mexicana en la novela de tema cristero*” *Relaciones* Vol.31.

NEGRÍN, Edith (2005). “*El luto humano y la narrativa mexicana que lo precede*”. *Revueltas y la narrativa mexicana* Instituto de investigaciones filológicas, UNAM, pp. 93-122.

OLIMON NOLASCO, Manuel, (2019). *Historia de la Iglesia en México*. Ediciones Paulinas, CDMX, 2019 p. 673.

OLIVERA DE BONFIL, Alicia (1994). *La literatura cristera*, México, Instituto nacional de Antropología e Historia OVIEDO, José Miguel (2002) *Historia de la Literatura Hispanoamericana*. Postmodernismo, Vanguardia, Regionalismo, Madrid, Alianza Editorial.

PONIATOWSKA, Elena, (1985). *¡Ay vida, no me mereces!*, México, Joaquín Mortíz.

QUEZADA, Claudia Julieta. *La mujer cristera en Michoacán, 1926-1929* *Revista Historia Y MEMORIA*, núm. 4, 2012, pp. 191-223 Uni-

versidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia Tunja, Colombia.

REVUELTAS, José (1944). *Dios en la tierra*, México, Era (2000) *El luto humano*, México, Era.

RODRÍGUEZ OLAIZOLA, José María sj. *Mosaico humano* 2015, Sal Terrae.

RUIZ ABREU, Álvaro (1998). “La búsqueda de la otra realidad” *Anales de literatura Hispanoamericana*, pp. 177-188 \_\_\_\_ (1986) “Vienen los cristeros”. *La cultura en Occidente*, Guadalajara, El Occidental \_\_\_\_ (2003) *La cristera: una literatura negada (1928-1992)*, México, Ediciones Universidad Autónoma Metropolitana-Xochimilco \_\_\_\_ (1983) “Letras que inspirara el mismo Cristo Rey.” *Nexos*, Año VI.

SÁNCHEZ MORA, Elena. *Máscaras femeninas en los relatos de la rebelión cristera. México, 1930-1976*, University of Minnesota (Tesis doctoral) 1989.

THIEBAUT, Guy. *La contre-révolution mexicaine á travers sa littérature*, L'Harmattan, Paris 1997.

VALENZUELA, Ricardo. *Origen y muerte del Liberalismo en Asuntos capitales*, 2007. Disponible em: [www.asuntoscapitales.com/articulo.asp?id=2697](http://www.asuntoscapitales.com/articulo.asp?id=2697).